

ENTRE NÓS

SUGESTÕES PARA ACOLHER PESSOAS AUTISTAS
NA COMUNIDADE ADVENTISTA



KALINY TREVEZANI

Sumário

Introdução	4
O que é o Autismo?	8
A Igreja e o TEA	13
Construindo um Culto Ideal	16
Desafios do Autismo	18
Shutdowns e Meltdowns	31
A Igreja como Ambiente de Suporte, Educação, Sensibilização e Inclusão	33
Recursos Adicionais	36

Prefácio



O acolhimento é um dos grandes exemplos que Cristo nos trouxe em seu ministério terrestre. Acolher aqueles que possuem características diferentes das nossas nos aproxima do interesse Divino.

O presente e-book, escrito pela **Dra. Kaliny Trevezani**, de maneira bastante didática, apresenta aos leitores características das pessoas com autismo e traz propostas de atuação à igreja, visando um acolhimento atento às especificidades apresentadas por este público.

Mais do que um livro conceitual, trata-se de um testemunho pessoal de uma médica autista e sobre sua adoração na Igreja Adventista do Sétimo Dia. As propostas sugeridas pela autora, além de diminuir eventuais barreiras que possam atrapalhar a experiência de congregar das pessoas com autismo, nos auxiliam a levar o amor de Cristo a todas as pessoas.

Pr. Alacy Barbosa

*Líder do Ministério Adventista das possibilidades
para 8 países da América do Sul*



Introdução

Com amor e fé em nossos corações, temos a alegria de apresentar esta cartilha, que foi cuidadosamente elaborada para guiar nosso acolhimento e compreensão das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em nossa igreja. O TEA, um conjunto complexo de condições neurológicas caracterizado por desafios na comunicação, comportamento e interação social, é frequentemente mal compreendido. No entanto, entender e aceitar

essas diferenças é essencial para que possamos viver plenamente os princípios do amor, da compaixão e do serviço, que são centrais para nossa fé.

Nas páginas seguintes, vamos explorar as nuances do TEA, desmistificando equívocos e iluminando as maneiras pelas quais podemos ajustar nossas práticas e atitudes para acolher melhor essas pessoas. Compartilharemos estratégias e insights espirituais que



nos ajudarão a construir uma comunidade mais acolhedora e inclusiva. Nosso objetivo é promover um ambiente de inclusão, amor e apoio, seguindo os ensinamentos de Jesus Cristo de amar ao próximo como a nós mesmos.

Este livro é fruto de uma confluência de inspiração divina, responsabilidade humana e uma necessidade urgente de compreensão e inclusão. Na intersecção do Evangelho de Cristo, dos escritos de Ellen White e do crescente reconhecimento global das necessidades das pessoas com TEA, encontramos uma chamada clara para agir com amor, sabedoria e empatia.

A Fundamentação no Evangelho de Cristo

A essência do Evangelho de Cristo nos ensina a amar ao próximo como a nós mesmos, um mandamento que transcende condição, circunstância ou capacidade individual. Jesus Cristo, em Seu ministério, mostrou um exemplo sem precedentes de inclusão e cuidado com aqueles que eram frequentemente marginalizados. Portanto, é nosso dever cristão não apenas aceitar, mas ativamente apoiar e integrar todas as pessoas, especialmente aquelas que

vivenciam o mundo de maneiras que podem ser diferentes da maioria.

Influência dos Escritos de Ellen White

Ellen White, uma figura proeminente na fundação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, escreveu extensivamente sobre saúde, educação e o bem-estar social. Seus textos enfatizam a importância do cuidado integral - mental, físico e espiritual - que ressoa profundamente com as necessidades das pessoas com TEA. Ela defendia uma comunidade onde cada indivíduo é valorizado, e onde a educação e a compreensão são chaves para promover uma atmosfera de aceitação e amor. Ela nos inspira a viver uma vida de serviço e compaixão: “Cumpre-nos, em simpatia e compaixão, servir aos que necessitam de auxílio, buscando com abnegado zelo aliviar as misérias da humanidade sofredora” (CBV p.104). Este livro se esforça para ser um recurso que encarna esses princípios, educando a comunidade sobre o TEA enquanto inspira ação e compaixão.

Perspectiva Mundial do TEA

Globalmente, a consciência sobre o TEA tem aumentado, mas ainda há

muito a ser feito para garantir que pessoas com TEA possam viver vidas plenas e ricas em comunidades que as valorizam e apoiam.

A prevalência de Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem aumentado ao longo dos anos, devido em parte à maior conscientização e melhorias nos métodos de diagnóstico. De acordo com os dados mais recentes dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos, a estimativa é que aproximadamente 1 em cada 36 crianças foi identificada com TEA. Com isso, a necessidade de informação, recursos e estratégias de inclusão se torna ainda mais crítica.

Construindo Pontes: Integrando o Entendimento Acadêmico do TEA na Vida da Igreja

Este livro se propõe a ser uma ponte entre o conhecimento acadêmico do TEA e a aplicação prática dessa compreensão no cotidiano de nossa comunidade. Ao buscarmos compreender melhor o TEA e adaptarmos nossos espaços e práticas, nosso objetivo vai além de simplesmente modificar o ambiente físico. Estamos, na verdade, criando um refúgio acolhedor e

uma esfera de aceitação genuína para nossos irmãos e irmãs no espectro, abrindo nossos corações e portas para aqueles que, muitas vezes, se sentem marginalizados ou incompreendidos dentro dos espaços sagrados.

Minha própria jornada como autista na Igreja Adventista ilustra vividamente a necessidade de tais adaptações. Respondendo ao chamado de Deus, busquei uma igreja que se alinhasse verdadeiramente com as doutrinas bíblicas, levando-me à Igreja Adventista após experiências em outras denominações. Ao longo dos oito meses que frequentei a igreja, enfrentei desafios significativos, incluindo três crises sensoriais graves. Essas crises foram desencadeadas por ruídos elevados durante os cultos. Tais experiências destacam a urgência de criar um ambiente que não apenas acolha, mas também seja verdadeiramente inclusivo para pessoas com sensibilidades como as minhas.

A adaptação da igreja não se limita a tornar o espaço acessível. Trata-se, sobretudo, de um compromisso com a missão de alcançar aqueles que, em algum momento, hesitaram em fre-

quentá-la ou em aceitar a fé por não encontrarem um ambiente que respeitasse suas necessidades. Essa iniciativa não altera apenas a experiência individual; impacta a salvação de pessoas que podem estar distantes por não conseguirem se encaixar em um contexto que desconsidera suas dificuldades.

Além disso, ao nos adaptarmos e aprendermos com indivíduos no espectro autista, crescemos enquanto povo de Deus. Este crescimento é manifestado não apenas em maior conhecimento, mas também em uma prática mais profunda e autêntica do Evangelho. A vida e os ensinamentos de Jesus Cristo nos chamam para amar incondicionalmente e servir humildemente a todos, especialmente àqueles que a sociedade pode, por vezes, esquecer ou ignorar.

Ellen G. White, em suas obras, reitera essa mensagem, exortando-nos a considerar cada pessoa preciosa aos olhos de Deus, digna de amor, respeito e compreensão. Ao adaptarmos nossa comunidade para ser mais inclusiva, estamos vivendo o Evangelho de uma maneira verdadeiramente transfor-

madora, que não só muda vidas individualmente, mas também fortalece toda a estrutura de nossa fé.

Este livro, portanto, não é apenas um manual de boas práticas; é um chamado para uma transformação profunda dentro de nossa comunidade, para que cada um de nós possa refletir melhor o amor de Cristo em cada ação, cada palavra e cada gesto de aceitação. Ao fazê-lo, não estamos apenas oferecendo refúgio; estamos renovando o compromisso de ser luz para o mundo, trabalhando para que a igreja seja um lugar onde cada indivíduo, independentemente de suas particularidades, possa crescer espiritualmente e viver plenamente sua fé.

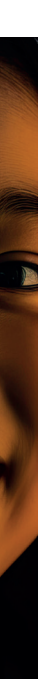


O que é o Autismo?

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição neurológica que influencia como uma pessoa percebe o mundo e se comunica com os outros. Como um espectro, ele abrange uma ampla gama de experiências e habilidades, o que significa que cada pessoa com TEA é única, apresentando desafios e talentos próprios.

Características Fundamentais do TEA

O TEA é caracterizado por diferenças marcantes em três áreas principais: comunicação, comportamento e interação social. Essas diferenças não apenas distinguem o TEA de outras condições, mas também variam amplamente entre os próprios indivíduos com autismo.



É fundamental reconhecer que as características do TEA não são meramente sintomas a serem tratados, mas aspectos de uma condição neurológica que requer compreensão, aceitação e adaptação.

1. Comunicação

e Linguagem:

Muitos autistas têm dificuldades significativas com a comunicação verbal e não-verbal. Alguns podem não falar, enquanto outros podem usar a linguagem de maneiras únicas ou ter habilidades linguísticas avançadas em áreas específicas. A chave é entender e respeitar essas diferenças de comunicação, ajustando nossas interações para garantir que cada voz seja ouvida e valorizada.

2. Comportamento

Repetitivo e Interesses Restritos:

Comportamentos repetitivos, como balançar, girar objetos ou recitar listas de fatos, são exemplos de como indivíduos com TEA podem buscar regularidade e previsibilidade em seu ambiente. Esses comportamentos não são apenas marcas do TEA, e servem como mecanismos de enfrentamento que ajudam a pessoa a gerenciar a

ansiedade ou a estimulação sensorial excessiva. Além disso, os interesses intensos — frequentemente chamados de ‘paixões’ — podem oferecer profunda satisfação e até mesmo abrir caminhos para carreiras ou hobbies.

3. Dificuldades

na Interação Social:

A interação social pode ser especialmente desafiadora para indivíduos com TEA, que muitas vezes têm dificuldade em interpretar normas sociais, entender expressões faciais ou gestos, e responder de maneiras socialmente esperadas. Essas dificuldades podem levar ao isolamento ou mal-entendidos dentro da comunidade.

No entanto, isso não significa que elas não desejem conexão; muitas vezes, elas precisam de abordagens alternativas para a interação que respeitem seu próprio ritmo e estilo.

Comorbidades Associadas ao Transtorno do Espectro Autista

O TEA pode frequentemente coexistir com outras condições médicas e psicológicas. Essas comorbidades podem afetar significativamente o bem-estar, o comportamento e as capacidades

de comunicação dos indivíduos, ampliando os desafios enfrentados tanto por eles quanto por suas famílias e comunidades de apoio.

Ao conhecer essas comorbidades, podemos oferecer melhor suporte e criar estratégias mais eficazes para integrar plenamente todos os membros em nossa comunidade. Dentre as comorbidades, listamos a seguir as mais comumente associadas.

Transtornos de Ansiedade

Muitos Autistas também sofrem de ansiedade, que pode se manifestar em fobias específicas, ansiedade social, ou transtorno obsessivo-compulsivo. A ansiedade pode intensificar a dificuldade em lidar com mudanças inesperadas e ambientes sobrecarregados sensorialmente, tornando fundamental para a igreja criar um ambiente de calma e previsibilidade.

Transtornos de Aprendizagem

Dislexia, discalculia e outros transtornos de aprendizagem podem acompanhar o TEA, afetando a capacidade de aprender em formatos tradicionais. Isso implica a necessidade de adaptações nos métodos educativos durante as escolas sabatinas e outros progra-

mas de ensino religioso para garantir que todos possam participar plenamente e beneficiar-se igualmente.

Transtornos do Humor

Depressão e transtorno bipolar são mais prevalentes em pessoas com TEA do que na população em geral. Esses transtornos do humor podem complicar ainda mais a gestão emocional e social. Proporcionar um ambiente acolhedor e suporte emocional constante é essencial para auxiliar esses membros da comunidade a se sentirem seguros e compreendidos.

Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)

O TDAH é outra comorbidade comum, caracterizada por dificuldades com atenção, controle de impulsos e, em alguns casos, hiperatividade. Isso pode tornar o acompanhamento de cultos e outras atividades mais estruturadas um desafio.

Perturbações do Sono

Dificuldades com o sono são frequentemente relatadas por pessoas com TEA. Problemas de sono não apenas afetam a capacidade de funcionar durante o dia, mas também podem exacerbam problemas de comportamento e de saúde física.

Sensibilidades Alimentares e Gastrointestinais

Problemas gastrointestinais, como síndrome do intestino irritável e alergias alimentares, são significativamente mais comuns em Autistas. Seletividade alimentar também pode ser prevalente, impactando as atividades comunitárias que envolvem comida.

Legislação

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI/2015) reconhece o TEA como uma deficiência, garantindo direitos fundamentais relacionados ao atendimento, à identificação e às prioridades para pessoas autistas. A diversidade de sintomas e comportamentos no espectro indica os diferentes níveis de suporte necessários para cada pessoa, variando conforme os ambientes que frequenta. Há autistas que não desenvolvem a fala, enquanto outros falam; alguns enfrentam maiores dificuldades de interação, enquanto outros se adaptam com facilidade. Em todos os casos, é essencial compreender que cada pessoa autista é única.

Reconhecer essa singularidade é fundamental, especialmente no contexto da Escola Sabatina. Para transmitir o amor de Deus de maneira significativa,

é necessário observar e entender as individualidades, necessidades, preferências e estilos de aprendizagem de cada indivíduo autista.

Níveis de Suporte

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição, texto revisado (DSM-5 TR) trouxe contribuições importantes ao especificar os níveis de suporte necessários para pessoas no espectro, o que pode orientar professores da Escola Sabatina no planejamento de atividades. É essencial que as famílias compartilhem essas informações com os professores, permitindo uma abordagem personalizada.

Os níveis de suporte incluem:

Nível 1 – Requer apoio

Pessoas que conseguem se envolver em algumas interações sociais, mas apresentam respostas atípicas e dificuldades na conversação, na troca de atividades e no estabelecimento de amizades. Com o suporte adequado, baseado nas informações fornecidas pelas famílias, é possível oferecer intervenções direcionadas seja por professores ou por líderes do Ministério da Criança.

Nível 2 – Requer apoio considerável

Pessoas com déficits significativos nas habilidades de comunicação verbal e não verbal, mesmo na presença de apoio. Apresentam dificuldades em lidar com mudanças, trocar o foco de interesses e comportamentos repetitivos que comprometem a interação social.

Nível 3 – Requer apoio substancial

Pessoas com severas limitações na interação social, frequentemente resistentes a satisfazer necessidades pessoais. Demonstram inflexibilidade comportamental, perdas no desempenho acadêmico e social e necessitam de supervisão constante para realizar atividades cotidianas.

Além disso, pessoas autistas podem apresentar atrasos na comunicação social, estereotípias e interesses restritos. Essas características podem dificultar o relacionamento interpessoal, sendo necessário apoio para superar desafios e estimular o desenvolvimento.

O ambiente da igreja deve ser preparado para acolher indivíduos autistas. É importante que elas tenham a oportunidade de explorar os espaços da Escola Sabatina e da igreja, facilitando o reco-

nhecimento futuro e promovendo segurança. O planejamento deve considerar as necessidades e as habilidades e interesses desses indivíduos aproveitando ao máximo as informações fornecidas pelas famílias.

O diagnóstico do TEA pode ocorrer desde os primeiros anos de vida, mas também é possível em idade mais avançada, como em adultos. A Academia Americana de Pediatria (2022) recomenda o rastreamento entre 18 meses e 2 anos de idade. É fundamental que as famílias estejam atentas aos sinais de alerta e saibam identificar o momento certo para buscar acompanhamento profissional para seus filhos, assim como os adultos.



A Igreja e o TEA

Como comunidade de fé, somos chamados a amar e apoiar uns aos outros em todas as circunstâncias. Este compromisso ganha uma expressão profunda quando acolhemos pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em nosso meio, um gesto que reflete o amor e os ensinamentos de Cristo. Para viver verdadeiramente este evangelho, propomos um caminho de ação e compreensão.

1. Educação Continuada: Investir tempo para aprender mais sobre o tema é essencial. Aprender sobre o TEA não é simplesmente adquirir conhecimento; é um processo de abrir nossos corações para entender as experiências, desafios e perspectivas únicas que essas pessoas trazem. Isso é ecoado em Provérbios 9:9, que nos diz: “Dê instrução a quem é sábio, e ele se tornará ainda mais sábio; ensine o

justo e ele aumentará o seu saber.” Ao aumentar nosso conhecimento sobre o autismo, estamos nos capacitando para construir uma comunidade mais acolhedora e compreensiva. Compreender as nuances deste espectro nos permite reconhecer as necessidades individuais de cada pessoa autista que caminha entre nós. Informar-se é o primeiro passo para transformar o desconhecido em familiar, o que desmonta barreiras e constrói pontes de empatia e suporte.

A Bíblia nos incentiva a buscar conhecimento e sabedoria, como expresso em Provérbios 1:5: “Ouça o sábio e aumente sua sabedoria, e o entendido adquira habilidades.” A igreja tem um papel importante, oferecendo conhecimento e preparando seus membros para um acolhimento que promova respeito e compreensão genuína.

2. Paciência Ampliada: Cada pessoa é um universo único, com suas próprias maneiras de perceber e interagir com o mundo. Reconhecer e respeitar essa individualidade é crucial, especialmente quando se trata de interações com pessoas com TEA. Ser paciente significa mais do que simplesmente esperar; trata-se de cultivar uma compreensão profunda das variadas formas de comunicação e expressão, apreciando cada pequeno passo e cada grande conquista no ritmo que

cada um pode alcançar. A paciência é uma virtude destacada em Efésios 4:2: “Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes, suportando uns aos outros com amor.”

3. Amor Ativo: Agir com amor é essencial para ser um verdadeiro amigo e aliado das pessoas com TEA e suas famílias. Isso envolve mais do que aceitação; exige uma promoção ativa de um ambiente onde todos se sintam seguros, respeitados e valorizados.

Seja através do apoio em momentos de necessidade, da defesa de suas causas ou simplesmente pela presença constante e confortadora, o amor em ação cria um refúgio de paz e um lugar de crescimento para todos. Ellen G. White reforça esta mensagem, afirmando que “Cristo reconheceu a dignidade do homem. Ele não precisava de nenhuma artificialidade exterior para realçar Sua dignidade. Cristo foi digno de confiança. E em virtude de Sua dignidade e excelência, Ele, acima de todos os outros homens, estava qualificado para servir aos outros. Assim, nossa dignidade e excelência podem ser encontradas no serviço altruísta. Quanto mais intimamente estivermos ligados a Cristo, mais sincero será nosso interesse pelos outros.” — A Ciência do Bom Viver, p. 490.

Cada membro da comunidade é encorajado a adotar essas práticas, enriquecendo não só a vida de pessoas com TEA, mas também a jornada espiritual e comunitária de cada envolvido. Juntos, enquanto aprendemos, esperamos pacientemente, e amamos fervorosamente, refletimos a luz do evangelho de Cristo.

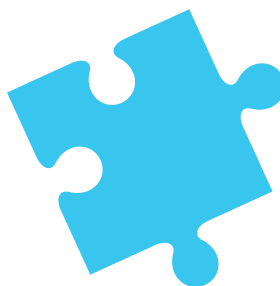
A realização de cultos que respeitam as necessidades de pessoas com TEA é uma profunda expressão de nossa fé e compreensão. Imaginamos serviços que equilibrem momentos de reflexão silenciosa com música suave, minimizando estresse sensorial e oferecendo espaços tranquilos acessíveis para quem precisa.

A passagem em João 13:34 “ Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei a vós, que também vós uns a outros vos ameis”, nos instrui a amar como Jesus amou, e adaptar nossas práticas para serem inclusivas não só permite a plena participação de todos mas enriquece nossa experiência comunitária de adoração.

Nos próximos capítulos, exploraremos estratégias específicas para abordar as peculiaridades do TEA dentro da igreja. Essas estratégias são projetadas para capacitar nossa comunidade eclesial a compreender,

acolher e apoiar eficazmente cada indivíduo autista, desde a adaptação do ambiente de culto até o manejo de comportamentos como estereotípias e hiperfoco.

“Façam tudo com amor” - 1 Coríntios 16:14. Este versículo é um lembrete contínuo de que cada ação dentro da nossa comunidade deve ser impregnada com amor, respeito e uma busca sincera por inclusão.





Construindo um Culto Ideal

A realização de um culto que verdadeiramente acolha e respeite as necessidades de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) vai além da mera organização de atividades eclesiais; é uma expressão profunda de nossa fé e compreensão.

Um serviço que equilibre momentos de reflexão silenciosa com música suave, pode proporcionar uma experiência mais serena reduzindo estímulos que possam causar desconforto sensorial. Espaços tranquilos e

acessíveis devem estar disponíveis para aqueles que se sentem sobrecarregados, permitindo-lhes recuar e recuperar-se quando necessário. Além disso, oferecer formas alternativas de participação pode ajudar aqueles que enfrentam desafios com a comunicação tradicional. Em tal ambiente, todos são encorajados a expressar sua fé da maneira que lhes é mais confortável, num espaço livre de julgamentos e repleto de aceitação.

Quando incluímos membros autistas em nossa comunidade, não estamos apenas praticando inclusão; estamos vivendo um testemunho do mandamento de amar ao próximo, conforme descrito em João 13:34: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros.” Adaptar nossas práticas para torná-las mais acolhedoras não significa apenas permitir que pessoas com TEA participem plenamente da nossa comunidade; significa enriquecer nossa experiência coletiva de adoração. Aprendemos novas formas de empatia, compreensão e amor fraternal, expandindo nossa capacidade de receber e celebrar a diversidade dentro de nossa fé.

Em um tempo em que muitos no espectro do autismo buscam uma comunidade onde possam se sentir acolhidos e integrados, temos uma oportunidade divina e um chamado para ser esse lar espiritual. Acolher novos membros, reconhecendo e valorizando suas peculiaridades, é uma manifestação prática do amor ao próximo que Jesus ensinou. Ellen White reforça essa ideia em suas palavras: “Devemos reconhecer a Cristo em todos aqueles que estão ao nosso redor. Devemos tratar todos com amor e respeito, pois cada alma resgatada é preciosa aos olhos de Deus. O verdadeiro amor cristão

ultrapassa todas as barreiras; ele não conhece fronteiras e não faz acepção de pessoas” (O Desejado de Todas as Nações, p. 504). Ao reconhecer a imagem e semelhança de Deus em cada pessoa, valorizamos a diversidade como uma riqueza que revela muito sobre a natureza multifacetada do amor divino.

Nos capítulos seguintes abordaremos as particularidades do Transtorno do Espectro Autista. Apresentaremos estratégias detalhadas e pensadas com cuidado, especialmente desenhadas para capacitar nossa comunidade eclesial a acolher, compreender e apoiar eficazmente cada indivíduo com TEA. as peculiaridades do Transtorno do Espectro Autista, oferecendo a Igreja estratégias de como lidar em cada situação. Esta cartilha é um convite para abrir nossos corações e mentes para a inclusão e o amor fraterno.

“Todas as vossas coisas sejam feitas com amor” - 1 Coríntios 16:14

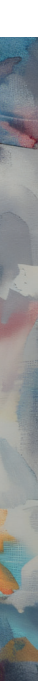


Desafios do Autismo

Ao abraçar indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em nossa comunidade, enfrentamos uma série de dificuldades que exigem de nós não só compreensão, mas também adaptação consciente. “Cristo em Sua vida terrestre considerava cada pessoa. Ele não passava por alto ninguém que necessitasse de ajuda. Ele procurava dar confiança ao desanimado, esperança aos desesperados, paz aos angustiados.” Ellen White destaca a abordagem compassiva de Cristo, que serve como modelo para como devemos

interagir com aqueles que enfrentam desafios únicos, como os autistas. Dito isso, é fundamental que abordemos as dificuldades do TEA com uma mistura de ciência e compaixão, orientados tanto pelos princípios bíblicos quanto pelas orientações práticas.

As adversidades associados ao TEA podem variar amplamente, incluindo sensibilidades sensoriais, dificuldades de comunicação, necessidades de rotina rígidas, e dificuldades na interação social. Cada um desses aspectos requer uma abordagem cuidadosamente



ajustada para garantir que nossa igreja seja um lugar de segurança, aceitação e crescimento espiritual para todos

Estratégias para Melhorar a Comunicação e Interação Social

Dentro da comunidade cristã, enfrentamos o desafio de tornar nossas práticas de comunicação e interação social acessíveis e inclusivas, especialmente para membros com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ellen White nos lembra da importância de uma comunicação consciente e adaptativa: “Deve-se ter cuidado especial com os fracos, envergonhados e desanimados” (Testemunhos para a Igreja, Volume 3, p. 115). Este cuidado reflete a exortação bíblica de Romanos 12:16: “Vivam em harmonia uns com os outros. Não sejam arrogantes, mas associem-se aos humildes. Não sejam sábios aos seus próprios olhos.” Portanto, desenvolver estratégias eficazes que respeitem as necessidades individuais de comunicação é fundamental para garantir que todos possam participar plenamente na vida da igreja.

Estratégias de Comunicação Adaptativa

No espectro do autismo, as dificuldades na comunicação são uma realidade constante para muitos. Estas dificuldades podem manifestar-se de várias formas: desde a ausência de fala até dificuldades no uso da linguagem

convencional e expressões atípicas. Para abordar essas necessidades de maneira eficaz, é essencial implementar tecnologias de comunicação assistiva e promover uma compreensão mais profunda dessas diferenças na nossa comunidade.

• Tecnologia de Comunicação Assistiva

O uso de tecnologias assistivas pode ser um divisor de águas para indivíduos com TEA. Dispositivos como tablets com aplicativos de comunicação por símbolos, textos e até mesmo o uso de cartões impressos, podem permitir uma expressão mais clara de pensamentos e desejos, proporcionando aos indivíduos uma voz onde antes poderia não existir. Investir e integrar essas tecnologias em nossas práticas comunitárias e litúrgicas facilita a comunicação e reforça o valor de cada membro dentro do nosso espaço sagrado.

• Clareza na Linguagem

Na comunicação dentro da igreja, seja em sermões ou grupos de estudo, a clareza e a simplicidade são essenciais, especialmente quando consideramos membros de nossa comunidade com TEA. Para eles, as complexidades da linguagem figurada, como metáforas, ironias e figuras de linguagem, podem obscurecer o entendimento e gerar confusões.

Ellen White, em seus escritos, enfatiza a importância da clareza e paciência, especialmente com aqueles que podem ter dificuldades de compreensão. Em “Conselhos sobre Saúde”, ela escreve: “A verdadeira educação é o desenvolvimento harmônico das faculdades. Deve-se ter um cuidado especial para com aqueles que são mais lentos para entender, tratando-os com paciência e amor” (p. 445). Este conselho destaca a necessidade de uma comunicação adaptativa que respeite as diferenças individuais e promova a inclusão.

• Comunicação Eficaz

1. Simplificação da Linguagem: É importante adaptar a linguagem usada nos sermões e estudos para garantir que seja compreensível para todos. Isso envolve escolher palavras claras e construções de frases diretas, evitando o uso de linguagem figurada que pode não ser interpretada literalmente por todos.

2. Clareza em Práticas e Rituais: Ao explicar práticas religiosas ou ao conduzir rituais, a clareza deve ser prioridade. Cada etapa e seu significado devem ser explicados de forma detalhada, sem pressupor que os participantes estejam familiarizados com aspectos culturais ou espirituais implícitos.

3. Tempo para Processamento: Considerando as necessidades únicas de processamento de informações de pessoas

com autismo, é essencial ter paciência e empatia, dando tempo suficiente após comunicar conceitos ou instruções. Permite que o indivíduo autista absorva e reflita sobre a informação antes de responder ou participar ativamente.

4. Informações Antecipadas: Comunicar o que esperar em cada culto ou evento, incluindo detalhes sobre o nível de ruído, tipo de iluminação e quaisquer elementos que possam representar desafios para pessoas com sensibilidades sensoriais.

• Comunicação com Auxílios Visuais

No contexto da vivência religiosa, a utilização de recursos visuais pode transformar significativamente a experiência de indivíduos com autistas com particularidades na comunicação. Imagens, pictogramas e agendas escritas não são apenas ferramentas de apoio; elas são essenciais para tornar as estruturas e eventos religiosos mais compreensíveis e acessíveis.

Esses recursos visuais fornecem uma comunicação clara e tangível do que esperar o culto e atividades. Esta clareza ajuda a antecipar eventos, o que pode ser especialmente valioso para pessoas que experienciam ansiedade em situações imprevisíveis. Ao visualizar os passos de um serviço ou as partes de um evento, os membros com TEA podem se sentir mais seguros e preparados,

reduzindo a ansiedade e facilitando uma participação mais ativa.

A Bíblia nos incentiva a comunicar de maneira clara e eficaz, como destacado em Colossenses 4:6: “Seja a vossa palavra sempre com graça, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um.” Este versículo ressalta a importância de adaptar nossa comunicação às necessidades dos outros, uma prática que os auxílios visuais facilitam grandemente.

Ao empregar auxílios visuais, facilitamos a inclusão de autistas na vida da igreja. Pictogramas e imagens podem ajudar a explicar conceitos complexos de forma simplificada, permitindo que aqueles que têm dificuldades com a linguagem verbal possam seguir e compreender as histórias e lições compartilhadas. Agendas escritas de eventos permitem que os participantes saibam o que acontecerá a seguir, oferecendo uma estrutura que muitos acham reconfortante.

Esses recursos visuais são ferramentas poderosas para antecipar o que acontecerá, ajudando a reduzir a ansiedade e a aumentar a participação.

• Sessões de Formação para Comunicação Inclusiva

Conduzir sessões de treinamento sobre comunicação inclusiva podem ensinar aos membros da igreja como utilizar linguagem clara, empregar apoios visuais

eficazmente e adaptar o tempo de resposta para aprimorar a interação com pessoas com TEA.

Estratégias para Melhorar a Interação Social

A inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na vida comunitária da igreja requer uma abordagem cuidadosa e empática, focada em melhorar a interação social. Essa tarefa, embora desafiadora, é profundamente gratificante e reflete os princípios cristãos de amor, aceitação e comunidade. Ellen White também destaca a importância da inclusão e da compreensão na educação e na interação comunitária. Ela nos escreve: “Cada ser humano, criado à imagem de Deus, é dotado de uma força proporcional à dignidade de sua origem.” (p. 225). Este pensamento reforça que todos, independentemente de suas capacidades ou desafios, têm valor e devem ser tratados com respeito e dignidade.

• Ambientes de Socialização Estruturados

Criar pequenos grupos para realizar atividades estruturadas pode proporcionar um ambiente mais previsível, que muitas vezes é mais confortável para pessoas com autismo. Nesses grupos, as atividades podem ser planejadas com clareza de objetivos e rotinas, o que ajuda a reduzir a ansiedade relacionada ao imprevisível.

• Participação em Pequenos Grupos

Encorajar indivíduos com autismo a se envolver nos Pequenos Grupos pode facilitar a interação social em um ambiente mais seguro e controlado, permitindo que pessoas com TEA interajam com outros em um contexto mais tranquilo e focado.

• Promoção de Atividades Inclusivas

Integrar atividades que valorizem as habilidades de todos os membros, incluindo aqueles com autismo pode aumentar a participação e o sentido de pertencimento.

• Criação de Espaços de Interação Seguros

Estabelecer áreas na igreja onde as pessoas possam interagir em um ambiente calmo e controlado pode ajudar os indivíduos com autismo a se sentirem mais seguros e menos sobrecarregados.

• Encorajamento de Amizades Apoiadoras

Promover amizades dentro da comunidade pode ser especialmente valioso. Encorajar membros da igreja a formar laços genuínos e apoiadores com pessoas com autismo pode ajudar a superar barreiras sociais.

• Programas de Mentoria

Emparelhar indivíduos autistas com um mentor ou companheiro que possa oferecer suporte durante os serviços

e atividades pode ser extremamente benéfico. Esses mentores servem como pontos de contato consistentes, ajudando na orientação durante as atividades e na adaptação ao ambiente da igreja.

• Voluntariado Personalizado

Oferecer oportunidades de voluntariado que se alinhem com as habilidades únicas de cada indivíduo com TEA permite que contribuam de maneira significativa. Por exemplo, considere um membro da comunidade com TEA que tenha um talento especial para as artes visuais. Esta pessoa poderia ajudar na criação de banners, cartazes e outros materiais visuais para eventos especiais da igreja, como festas litúrgicas, retiros espirituais e escola bíblica de férias. Participar na criação de elementos visuais não só permite que expressem sua criatividade, mas também os envolve diretamente na vida espiritual da comunidade, melhorando a visibilidade e o engajamento destes eventos.

Estratégias para Lidar com as Dificuldades de Contato Visual

Dentro da comunidade cristã, é fundamental abordar com sensibilidade e compreensão as diferenças na maneira como os membros com Transtorno do Espectro Autista (TEA) se comunicam e interagem. Muitos enfrentam desafios significativos com o contato visual, que não refletem falta de inte-

resse, respeito ou educação, mas sim uma maneira distinta de processar estímulos sensoriais e sociais. A ausência do contato visual não diminui a sinceridade ou o valor da participação do autista dentro da Igreja.

Entendendo as causas

- *Sobrecarga Sensorial:* Para alguns indivíduos com TEA, o contato visual direto pode ser extremamente desafiador e desconfortável, provocando ansiedade.

- *Processamento Diferenciado:* Alterações no processamento de informações sociais podem fazer com que o contato visual não seja natural ou necessário para a comunicação para alguém com autismo

- *Foco e Concentração:* Algumas pessoas acham que manter contato visual interfere na sua capacidade de ouvir e processar o que está sendo dito.

Como Devemos Agir

- *Respeite as Preferências Individuais* Reconheça e aceite que a dificuldade com o contato visual é uma característica do TEA. Não force o contato visual e respeite as necessidades individuais de cada pessoa.

• *Seja Paciente e Aberto*

Entenda que a comunicação e a interação podem ser diferentes, mas igualmente significativas. Esteja aberto a aprender e adaptar-se às maneiras preferidas de interação da pessoa.

• *Ofereça Encorajamento sem Pressão*

Encoraje interações sociais positivas de maneira confortável, sem pressionar por comportamentos específicos como o contato visual.

• *Eduque a Comunidade*

Compartilhe conhecimentos sobre as razões pelas quais algumas pessoas com TEA podem ter dificuldade com o contato visual, promovendo um ambiente de compreensão e aceitação.

Sensibilidades Sensoriais e Comportamentais

Dentro do TEA, as dificuldades sensoriais e comportamentais são desafios prevalentes que afetam profundamente como indivíduos interagem com o mundo ao seu redor. Filipenses 2:4 nos lembra: “Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros.” Esta passagem bíblica nos chama a considerar as necessidades dos nossos irmãos e irmãs no espectro autista como se fossem nossas.

As Dificuldades Sensoriais no Autismo

As dificuldades sensoriais no Transtorno do Espectro Autista (TEA) são uma manifestação comum que pode impactar significativamente a maneira como indivíduos com autismo interagem com o mundo ao seu redor. Essas dificuldades são derivadas de particularidades no processamento sensorial que afetam a forma como as informações são recebidas e interpretadas pelo cérebro. A compreensão dessas particularidades é fundamental para cultivar uma inclusão efetiva e empática, especialmente dentro de comunidades de fé como a igreja.

1. Processamento Neural Atípico

O cérebro de indivíduos com TEA processa estímulos sensoriais de maneira atípica, manifestando-se tanto em hipersensibilidade quanto em hipossensibilidade.

a. Hipersensibilidade: Uma sensibilidade aumentada aos estímulos, onde sons normais podem parecer ensurdecadores, ou luzes normais podem parecer excessivamente brilhantes. Essa sensibilidade pode resultar em dor ou desconforto significativos, levando a reações de evitação ou necessidade de isolamento.

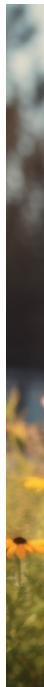
b. Hipossensibilidade: Uma sensibilidade diminuída, onde a pessoa pode

não reagir a temperaturas extremas ou a dor de maneira típica. Isso pode incluir comportamentos como não perceber ferimentos leves ou buscar estímulos adicionais para sentir um nível 'normal' de sensação.

Isso significa que estímulos que são neutros ou até agradáveis para a maioria podem ser percebidos como extremamente intensos ou quase imperceptíveis por aqueles com autismo. Por exemplo, sons comuns podem ser percebidos como excessivamente altos ou dolorosos, enquanto outros estímulos podem não ser detectados com a mesma facilidade. Essa variabilidade no processamento sensorial desafia a norma e exige adaptações personalizadas.

2. Desregulação do Sistema Nervoso

Muitas pessoas com TEA experimentam uma desregulação em seu sistema nervoso autônomo, que é o sistema que controla o funcionamento do corpo de forma automática, o que dificulta a modulação das respostas sensoriais. Isso pode resultar em reações exacerbadas a estímulos que outros acham toleráveis, como o vento do ventilador ou o toque de tecidos específicos, resultando em comportamentos de evitação ou autorregulação, como balançar ou bater palmas repetidamente.





3. Dificuldades de Integração Sensorial

Muitas pessoas com autismo têm dificuldade em integrar informações sensoriais de múltiplas fontes ao mesmo tempo, o que pode levar a uma sobrecarga sensorial. Quando muitos estímulos ocorrem simultaneamente, pode ser desafiador para uma pessoa com TEA processar e responder apropriadamente, resultando em stress, ansiedade ou mesmo comportamentos de fuga e necessidade de autorregulação. Isso pode acontecer, por exemplo, quando expostos a ambientes ricos em estímulos, como durante o culto com música alta.

4. Foco e Atenção Alterados

O foco e a atenção podem ser significativamente diferentes em indivíduos

com autismo. Eles podem focar intensamente em detalhes sensoriais específicos que outros podem não notar, como o zumbido de uma luz fluorescente, o que pode levar a uma sensação de sobrecarga quando esses estímulos são muito intensos ou persistentes.

5. Sobrecarga e Estresse

As respostas ao estresse são frequentemente elevadas em pessoas com TEA devido às suas dificuldades em processar estímulos sensoriais. Isso não apenas exacerba a percepção de estímulos como invasivos ou dolorosos, mas também pode afetar a capacidade geral de funcionar em ambientes que são sensorialmente ricos ou desafiadores.

Estratégias de Atenção com a Sensibilidade Sensorial

Aqui estão estratégias que podemos implementar para criar um ambiente de culto mais acolhedor.

1. Adaptação Ambiental

- *Redução de Estímulos:* Ajustar a iluminação e o som nos espaços de culto pode ajudar a evitar a sobrecarga sensorial. Isso pode incluir o uso de luzes mais suaves e a diminuição do volume durante os serviços.

- *Áreas de Visualização Tranquilas:* Disponibilizar espaços dentro da igreja onde o som seja mais baixo e a iluminação seja ajustada, oferecendo um refúgio para aqueles que acham o ambiente tradicional estressante.

2. Uso de Tecnologia Assistiva

- *Fones de Ouvido com Cancelamento de Ruído:* Oferecer fones de ouvido que reduzem o impacto dos ruídos ambientais pode permitir que indivíduos com sensibilidade auditiva participem dos cultos sem desconforto.

3. Educação e Conscientização

- *Workshops e Treinamentos:* Educar a comunidade sobre as dificuldades sensoriais através de workshops pode aumentar a empatia e o entendimento. Isso inclui explicar o que são hipersensibilidade e hipossensibilidade e como elas afetam os autistas.

- *Materiais Informativos:* Disponibilizar folhetos e vídeos educativos sobre sensibilidades sensoriais para melhorar a compreensão geral na igreja.

4. Flexibilidade no Culto

- *Serviços Sensorialmente Adaptados:* Oferecer cultos alternativos com menos estímulos sensoriais para aqueles que não conseguem tolerar o formato padrão.

- *Espaços de Pausa:* Implementar áreas onde indivíduos autistas possam recuar para um ambiente mais calmo se estiverem se sentindo sobrecarregados.

5. Suporte Individualizado

- *Equipe de Suporte Sensível:* Treinar voluntários e líderes para identificar e responder adequadamente às necessidades sensoriais, garantindo que haja sempre alguém disponível para auxiliar.

6. Promoção de uma Cultura de Aceitação

- *Cultivar Empatia:* Fomentar uma atmosfera de inclusão onde as diferenças são valorizadas como parte da diversidade do corpo de Cristo, ensinado por Ellen White: “Cumpre-nos, em simpatia e compaixão, servir aos que necessitam de auxílio, buscando com abnegado zelo aliviar as misérias da humanidade sofredora.” (Conselhos sobre Saúde, p. 104).

Seletividade alimentar

No contexto das reuniões e eventos da igreja, a seletividade alimentar pode ser uma questão sensível e muitas vezes mal compreendida. Não se trata de uma simples questão de “frescura” ou preferência passageira, mas de uma realidade complexa que afeta muitas pessoas, especialmente aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esta condição está profundamente enraizada em sensibilidades sensoriais que tornam certas texturas, sabores, cores e cheiros de alimentos não apenas desagradáveis, mas às vezes insuportáveis. Aqui também podemos incluir dificuldades relacionadas a rigidez do comportamento, que abordaremos mais adiante.

Pessoas com TEA muitas vezes experienciam a seletividade alimentar devido a hipersensibilidades sensoriais. Alimentos com texturas particulares ou sabores intensos podem provocar reações adversas intensas. Essas não são preferências voluntárias; são respostas sensoriais que podem provocar desconforto real, ansiedade e até dor.

A seletividade alimentar pode levar ao isolamento social durante eventos comunitários, especialmente quando as opções alimentares não consideram essas necessidades. Isto pode fazer com que indivíduos autistas se sintam excluídos e incompreendidos, reforçando sentimentos de isolamento.

Estratégias de Inclusão Alimentar na Igreja

• *Diversificação de Opções Alimentares:*

Ao planejar eventos, é vital oferecer uma gama de opções que atendam a diferentes restrições e sensibilidades alimentares. Incluir itens simples e não condimentados, além de opções conhecidas por serem geralmente aceitáveis para aqueles com sensibilidades alimentares, pode fazer uma grande diferença.

• *Espaços de Comunicação Aberta:*

Encorajar um diálogo aberto sobre necessidades alimentares sem julgamento. Isso pode ser facilitado através de formulários que incluam perguntas sobre restrições alimentares ou preferências, garantindo que todos se sintam ouvidos e respeitados.

• *Educação Comunitária:*

Promover workshops ou sessões informativas sobre TEA e seletividade alimentar pode aumentar a compreensão e a empatia dentro da comunidade. Essa sensibilização ajuda a desmistificar a ideia de que a seletividade alimentar é uma escolha ou capricho.

As Dificuldades

Comportamentais Associadas

Comportamentos comuns no autismo, como a necessidade de rotinas, resistência a mudanças, movimentos repetitivos ou fixação em interes-

ses específicos, são frequentemente maneiras de lidar com o mundo que pode parecer imprevisível ou esmagador. Esses comportamentos não são atos de teimosia, mas sim estratégias de sobrevivência que permitem ao indivíduo navegar seu ambiente de uma forma que faça sentido para ele.

Estereotípias no Transtorno do Espectro Autista:

Estereotípias, comumente conhecidas como comportamentos repetitivos ou autorregulatórios, são características frequentes no Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esses comportamentos podem incluir balançar-se, girar objetos, ecolalia (repetição de palavras ou frases), entre outros. Certos comportamentos repetitivos podem também ajudar na concentração durante a realização de tarefas ou no processamento de informações.

Esses comportamentos podem incluir balançar-se, bater palmas, alinhar objetos de maneira específica, repetir sons ou palavras, entre outros., esses comportamentos têm funções importantes para quem os manifesta.

As estereotípias, apesar de muitas vezes serem mal interpretados, cumprem funções necessárias para o funcionamento do autista, atuando como a autorregulador sensorial e emocional, ajudando a gerenciar a ansiedade

e a processar estímulos externos de maneira controlável.

Estratégias para Promover Rotinas e Previsibilidade

A previsibilidade e a rotina são essenciais para a gestão da ansiedade e para a navegação segura em um mundo que pode parecer imprevisível e confuso.

Estas estruturas oferecem uma âncora de estabilidade em meio as dificuldades sensoriais e sociais. Mudanças inesperadas podem ser particularmente perturbadoras, pois desestabilizam a percepção de controle sobre o ambiente.

Por Que a Rotina é Necessária?

- *Redução da Ansiedade:* Uma rotina conhecida diminui a ansiedade ao proporcionar um ambiente previsível.
- *Melhora da Compreensão:* As rotinas ajudam na organização do pensamento e na compreensão de sequências temporais.
- *Estabilidade Emocional:* A previsibilidade pode minimizar surpresas desagradáveis que podem desencadear respostas emocionais intensas.

Estratégias Práticas para a Igreja

1. Consistência no Culto: Manter uma estrutura consistente nos cultos e aulas, comunicando com antecedência qualquer alteração, por exemplo a troca de um professor ou do local onde será a aula, pode ajudar a mitigar a ansiedade dos participantes com TEA.

2. Flexibilidade com Participação:

Permitir que os indivíduos com TEA engajem nas atividades no seu próprio ritmo e oferecer alternativas quando necessário demonstra compreensão e respeito por suas necessidades únicas. Provérbios 22:6 nos instrui: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e mesmo quando for idoso não se desviará dele.” Este versículo ressalta a importância de estabelecer padrões consistentes e seguros, que são particularmente valiosos para indivíduos com TEA. Ellen White, em seus escritos, também enfatiza a importância da estrutura e da previsibilidade para o bem-estar espiritual e emocional, reforçando que cada alma é preciosa aos olhos de Deus e merece ser cuidada com consideração e respeito.

Estratégias para a Comunidade:

1. Educação e Sensibilização: É essencial que a comunidade da igreja seja educada sobre o TEA e os comportamentos autoregulatórios para promover a empatia e a inclusão, ajudando todos a entenderem e apoiarem as necessidades de seus irmãos em Cristo. Workshops, seminários e materiais informativos podem ser instrumentos valiosos nesta educação.

2. Ambientes de Suporte: Criar espaços dentro da igreja onde tais comportamentos são aceitos e compreendidos, garantindo que todos se sintam bem-vindos e parte da comunidade.

3. Ajustes para Necessidades Sensoriais:

Introduzir “Kits de Culto Sensoriais”, que podem incluir objetos como brinquedos sensoriais silenciosos ou almofadas de pressão, ajudam membros que necessitam de estímulo sensorial para se concentrar ou acalmar. Além disso, designar uma área na Igreja onde movimentação leve é permitida pode ajudar aqueles que precisam caminhar ou se movimentar.

4. Disponibilização de Espaços de Pausa:

Estabelecer um pequeno espaço ou sala dentro da igreja, conhecido como “Sala de Serenidade”, onde pessoas podem se retirar se sentirem sobrecarregadas. Este espaço seria equipado com iluminação suave, assentos confortáveis e materiais tranquilizantes, oferecendo um refúgio durante momentos de sobrecarga sensorial ou emocional.

5. Resposta Calma e Apoio: Ao enfrentar momentos esses momentos, uma resposta calma e de apoio pode ajudar a pessoa a se acalmar mais rapidamente. Pergunte se há algo específico de que ela precisa ou como você pode ajudar.

6. Estratégias de Comunicação Alternativa:

Encorajar e apoiar o uso de métodos alternativos de comunicação, como dispositivos de comunicação assistida, gestos ou placas de comunicação, para aqueles que têm dificuldades com a comunicação verbal.

7. Recursos de Apoio: Desenvolver recursos, como guias visuais dos serviços, que podem ajudar indivíduos com TEA a navegar pelas atividades da igreja de maneira mais independente e confiante.

8. Planejamento Antecipado: Comunicar mudanças na programação ou nos serviços com antecedência, utilizando boletins, anúncios e mídias sociais.

9. Transições Suaves: Use estratégias como contagens regressivas, avisos de tempo, ou símbolos visuais para preparar para transições.

10. Escolhas Controladas: Oferecer escolhas limitadas pode ajudar a pessoa a se sentir mais no controle, ao mesmo tempo em que promove certa flexibilidade.

11. Inclusão nas Decisões: Quando possível, envolva pessoas com TEA nas decisões sobre atividades ou mudanças que podem afetá-las diretamente.

12. Inclusão e Participação: Garantir que os autistas se sintam incluídos e valorizados na comunidade, adaptando atividades para que todos possam participar de maneira significativa.

13. Feedback e Adaptação: Encorajar o feedback das famílias afetadas pelo TEA para melhor adaptar as práticas da igreja às suas necessidades, garantindo que todos se sintam bem-vindos e valorizados.



Shutdowns e Meltdowns

Entendendo as Respostas Extremas a Sobrecargas Sensoriais e Emocionais

Dentro do espectro do autismo, os shutdowns e meltdowns são respostas distintas a experiências de sobrecarga, cada uma manifestando-se de maneira que pode ser desafiadora tanto para a pessoa afetada quanto para quem está ao redor. Compreender essas reações é fundamental para fomentar uma comunidade inclusiva e empática.

Shutdown: Retração Frente ao Estresse O shutdown ocorre quando uma pessoa com TEA se retrai para dentro de si mesma como uma maneira de lidar com o excesso de estímulos. Durante um shutdown, a pessoa pode parecer distante, desligada e imóvel. Esse comportamento é uma tentativa de diminuir a interação com o ambiente estressante.

Meltdown: Expressão de Sobrecarga Por outro lado, um meltdown é uma

expressão externa de sobrecarga. Isso pode incluir choro, gritos, ou até comportamento agressivo. Não é uma birra; é uma reação intensa a sentimentos de descontrole sobre o ambiente ou sobre as próprias emoções.

Inspirados pelo pensamento de que Deus valoriza a diversidade como um benefício em Seu trabalho, podemos ver a importância de compreender e aceitar os diversos temperamentos dentro da nossa comunidade. Segundo as palavras inspiradas, “Deus não se agrada mais com a uniformidade do julgamento em todas as mentes do que com a produção de folhas de uma mesma forma e tamanho em uma árvore. Variedades são necessárias para satisfazer mentes de diferentes moldes e qualidades.

Deus considera a diversidade de temperamento como um benefício a ser usado no Seu trabalho.”(Testemunhos para a Igreja, Volume 3, página 547) Esta visão nos lembra que cada pessoa, independentemente de suas reações ou temperamentos, é um indivíduo único e valioso com um papel a desempenhar no corpo de Cristo.

Abordagens para Shutdowns

1. Ofereça um Ambiente Seguro: Reduza estímulos sensoriais. Encontre um lugar tranquilo e confortável para a pessoa se isolar

2. Seja Calmo e Paciente: Fale com calma e ofereça suporte sem pressionar por comunicação verbal imediata.

3. Ofereça Apoio Sensorial: Objetos de conforto ou técnicas de relaxamento sensorial podem ajudar.

4. Espere: Dê tempo para a pessoa se recuperar no próprio ritmo. A pressa pode aumentar a ansiedade.

Abordagens para Meltdowns

1. Mantenha a Calma: Sua calma é crucial. Reaja com compreensão e sem julgamento.

2. Assegure Segurança: Certifique-se de que a pessoa e os que estão ao redor estejam seguros. Remova objetos perigosos de perto e diminua riscos.

3. Validação: Reconheça as emoções da pessoa sem invalidá-las. Mesmo se você não conseguir comunicar-se diretamente durante o meltdown, sua presença calma é importante.

4. Espaço: Dê espaço físico à pessoa, evitando tocá-la sem consentimento, pois isso pode aumentar a sobrecarga sensorial.

5. Reflita e Ajuste: Após um meltdown, tente identificar possíveis gatilhos para entender e prevenir futuras sobrecargas.

Hiperfoco

O hiperfoco, uma característica comum entre pessoas com autismo, é frequentemente visto com ambivalência. Este traço envolve uma concentração intensa em interesses particulares, permitindo uma imersão profunda que pode, por vezes, parecer excludente de outras atividades ou interações sociais. No entanto, reconhecer e canalizar positivamente o hiperfoco pode transformar este aspecto do TEA em uma ferramenta poderosa para envolvimento e contribuição dentro da comunidade de fé.

O hiperfoco pode ser percebido como uma espada de dois gumes: por um lado, proporciona ao autista a habilidade de adquirir um conhecimento detalhado e uma habilidade notável em áreas de grande interesse; por outro, pode resultar em uma certa desconexão com o mundo ao redor quando não gerenciado adequadamente. No entanto, em um ambiente acolhedor e adaptado, como a igreja, esses interesses podem ser integrados de maneira que beneficie tanto o indivíduo quanto a comunidade maior.

Estratégias para Maximizar o Potencial do Hiperfoco

1. Reconhecimento dos Interesses: O primeiro passo é reconhecer e validar os interesses profundos do indivíduo. Estes interesses podem variar amplamente, desde tópicos acadêmicos até hobbies específicos, e podem propor-

cionar uma sensação de conforto, alegria e competência.

2. Incorporação de Interesses no Aprendizado e na Comunidade:

A igreja pode aproveitar o hiperfoco como uma ferramenta para o engajamento e aprendizado, incorporando interesses específicos em atividades de ensino ou projetos. Encoraje indivíduos com TEA a explorar seus interesses para servir ao Senhor, reconhecendo o valor dessas paixões como formas legítimas de adoração e serviço.

3. Estabelecimento de Limites Saudáveis:

Enquanto o hiperfoco pode ser benéfico, é importante ajudar a pessoa com TEA a desenvolver estratégias para equilibrar seus interesses com outras responsabilidades e atividades sociais. Isso pode incluir a utilização de temporizadores, lembretes, ou a definição de horários específicos para se dedicar aos seus interesses.

4. Promoção da Socialização Através de Interesses:

Utilize os interesses específicos dos membros autistas para desenvolver programas ou atividades que alinhem esses interesses com as necessidades da igreja, como participação em coros, decoração de eventos ou organização de estudos bíblicos detalhados.

5. Adaptação de Espaços de Culto e

Atividades: A igreja pode oferecer espaços e momentos onde os membros com TEA possam explorar seus interesses dentro do contexto da fé, como grupos de estudo bíblico focados em áreas de interesse específico ou projetos de serviço comunitário que alinhem com seus talentos e paixões.

6. Apoio Contínuo e Adaptação:

Ofeça suporte contínuo para ajudar pessoas com TEA a balancear seu hiperfoco com outras responsabilidades e interações sociais, garantindo que eles também possam participar de outras áreas da vida comunitária.



A Igreja como Ambiente de Suporte, Educação, Sensibilização e Inclusão

Neste livro, discutimos as nuances do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e exploramos como a igreja pode evoluir para se tornar um santuário de acolhimento e inclusão. Abordamos os desafios únicos do TEA. Mais do que isso, destacamos as valiosas contribuições que indivíduos com TEA podem oferecer às nossas vidas comunitárias e espirituais.

A igreja, como um refúgio espiritual e

comunitário, tem a responsabilidade especial de garantir que todos se sintam bem-vindos, respeitados e valorizados, independentemente de suas limitações ou desafios. Isso requer uma paciência que transcende a espera; demanda uma compreensão profunda que permite a cada indivíduo expressar sua fé e participar da comunidade em seus próprios termos.

Como comunidade de fé, temos o pri-

vilégio e a responsabilidade de seguir o exemplo de Cristo, que acolheu e amou a todos, independentemente de suas condições ou circunstâncias. Este chamado é particularmente ressonante quando se trata de apoiar nossos irmãos e irmãs no espectro autista, cujas interações com o mundo podem ser distintas e únicas. Ao entender e respeitar as expressões comportamentais como parte integral da experiência de uma pessoa com TEA, nossa comunidade pratica a compaixão e aceitação que Jesus nos ensinou. Ellen G. White, em seus escritos, enfatiza como Jesus olhava para as pessoas além de suas aparências externas ou desafios. Ela nos diz que Jesus via cada indivíduo como precioso, digno de amor e sacrifício, e sempre disposto a revelar o potencial escondido dentro de cada um. Seguindo esse exemplo, somos chamados a adotar uma perspectiva que valoriza cada membro da comunidade, reconhecendo e celebrando suas contribuições únicas.

A igreja deve ser um refúgio seguro onde todos possam encontrar paz e aceitação. Para que nossa igreja seja verdadeiramente um refúgio para todos, devemos ser proativos em remover barreiras—físicas, comunicativas e sociais—que possam impedir a plena participação de todos os membros, adaptando nossas práticas, rituais e infraestruturas para serem mais acessíveis. Isso pode significar ajustar o

ambiente sensorial dos nossos cultos para acomodar aqueles que são sensíveis a estímulos auditivos ou visuais, oferecendo alternativas para a participação ou garantindo que materiais de comunicação sejam claros e acessíveis. Oferecer espaços tranquilos, volumes mais baixos e suporte durante os cultos são maneiras práticas de mostrar cuidado e consideração por aqueles com sensibilidades sensoriais ou emocionais. Romanos 12:18 nos aconselha: “Se possível, quanto depender de vocês, vivam em paz com todos os homens.” Este versículo não só nos chama à paz, mas também à ação proativa para remover as barreiras que impedem a plena participação de todos na vida da igreja.

O processo de sensibilização envolve a toda a congregação, desde a liderança até os membros, em treinamentos, workshops, sermões e materiais educativos que destaquem não apenas os aspectos clínicos do TEA, mas também as experiências vividas por aqueles que navegam por esse espectro. Ellen G. White reforça este ponto ao lembrar-nos que devemos considerar a educação como a atmosfera de nossa vida (Educação, p. 30), sugerindo que aprender sobre e com os outros é essencial para o crescimento espiritual e comunitário.

Através da educação contínua, adaptações sensíveis e uma cultura de aceitação genuína, nossa comunidade

de pode transformar-se num lugar onde a diversidade é não apenas tolerada, mas celebrada—um lugar onde cada membro encontra espaço para florescer e contribuir. Promover a educação e a sensibilização sobre o TEA é fundamental para fomentar uma comunidade verdadeiramente inclusiva, ajudando os membros da igreja a entender melhor as dificuldades de seus irmãos e irmãs no espectro, reduzindo estigmas e promovendo uma cultura de inclusão e respeito mútuo.

A sensibilização dentro da igreja deve ser um processo contínuo de aprendizado, adaptação e crescimento. A cada passo que damos para entender melhor o TEA e ajustar nossas práticas para acolher esses membros da nossa comunidade, estamos refletindo o amor incondicional de Cristo. Estamos, por meio da nossa ação e compromisso, testemunhando que cada pessoa, não importa quão grande sejam suas lutas, é uma parte vital do corpo de Cristo. Assim, a educação e a sensibilização não são apenas sobre fazer ajustes; são sobre cultivar um ambiente onde todos possam encontrar espaço para crescer, contribuir e florescer em sua fé.

Ellen G. White destaca a visão de Cristo sobre a humanidade, lembrando-nos que Ele via cada pessoa como um ser precioso, digno de amor e redenção (*Testemunhos para a Igreja*, Volume 2, p. 135). Inspirados por essa visão, somos chamados a reconhecer

e valorizar cada indivíduo dentro de nossa comunidade, vendo suas diferenças não como barreiras, mas como oportunidades para enriquecer nossa comunhão.

Este livro é apenas um ponto de partida. A jornada rumo à inclusão plena é contínua e requer nosso compromisso constante com o amor e a compreensão. Que cada um de nós seja inspirado a buscar maneiras de incluir plenamente aqueles com TEA em todos os aspectos da vida comunitária. Avancemos, enriquecidos pela diversidade de nossa comunidade, fortalecidos pelo amor de Cristo, e sempre atentos às oportunidades de crescimento e aprendizado.

Como Paulo nos lembra em Efésios 2:13-14, Cristo destruiu as barreiras que nos separavam, chamando-nos à unidade e ao amor. Em nossa caminhada para refletir esse amor inclusivo, que possamos encontrar maneiras inovadoras de abraçar e valorizar cada membro da nossa comunidade, garantindo que cada pessoa seja vista e amada como um precioso filho de Deus



Recursos Adicionais

Sites e Organizações

Autismo Brasil - autismobrasil.org: Oferece informações sobre autismo, recursos e apoio para famílias e profissionais.

AMA - Associação de Amigos do Autista - ama.org.br: Oferece serviços e suporte para pessoas com autismo e suas famílias.

Revista Autismo - revistaautismo.com.br: Primeira revista em língua portuguesa com foco em TEA, disponibilizando artigos e notícias.

Livros

“O Cérebro Autista” - Temple Grandin: Explora as particularidades do pensamento autista.

“Estratégias Práticas para o Dia a Dia do Autista” - Carolina Ribeiro: Oferece dicas e estratégias para lidar com os desafios cotidianos.

“Autismo: Guia Essencial para Compreensão e Tratamento” - Fred R. Volkmar e Lisa A. Wiesner: Um guia abrangente sobre autismo.

“Na Minha Pele: O Autismo e Eu” - Liane Holliday Willey: Relato pessoal sobre viver com Síndrome de Asperger.

“A Mente Autista” - Temple Grandin e Richard Panek: Discussão sobre como os autistas pensam.

Recursos Educacionais

Tismoo.me - tismoo.me: Plataforma digital focada em neurodiversidade, oferecendo suporte e informações.

“Diferenças e Dificuldades de Aprendizagem de A a Z” - Corrine Smith e Lisa Strick: Livro que aborda estratégias para diversas dificuldades de aprendizagem, incluindo o TEA.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

This image shows a single page of white paper with horizontal blue lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page, typical of notebook paper or a document template. There are no margins, text, or other markings on the page.

[illegible]

Um Chamado ao Acolhimento e à Inclusão

O acolhimento foi uma das marcas do ministério de Cristo. Ele nos ensinou a amar e compreender aqueles que possuem características diferentes das nossas, refletindo o interesse divino em cada ser humano.

A Dra. Kaliny Trevezani aborda, com didática e sensibilidade, as particularidades do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sugere caminhos práticos para que a igreja promova um ambiente realmente inclusivo.

Ao longo dos capítulos, o leitor encontrará reflexões sobre o autismo, desafios enfrentados por essa comunidade e estratégias para tornar o culto mais acessível. Além de um guia para a inclusão, este livro é também um testemunho pessoal de fé e superação. Como médica autista e mãe de uma jovem autista, a autora compartilha sua vivência na Igreja Adventista do Sétimo Dia, trazendo propostas que não apenas reduzem barreiras, mas também ampliam nossa capacidade de levar o amor de Cristo à todos.



Kaliny Trevezani, pediatra formada pela UFF, atua no cuidado infantil, especialmente de crianças autistas. Trabalha na Secretaria de Saúde do DF e no Hospital Universitário de Brasília. Após enfrentar problemas de saúde e usar cadeira de rodas, encontrou fé em Jesus e vivenciou uma restauração. Autista e mãe de uma jovem autista, dedica-se a tornar a Igreja Adventista mais inclusiva, promovendo acolhimento à comunidade autista.